

Revista Filosófica de Coimbra

vol.17 | n.º34 | 2008

José Reis
Manuel Moreira da Silva
Helder Gomes
Filipe P. S. M. Menezes
Edmundo Balsemão
Maria João Silveirinha
Luís António Umbelino
Cláudio Alexandre S. Carvalho
Armindo dos Santos
Ana Isabel Boura
Regina Queiroz
Dulce Morgado Neves

EXPERIÊNCIAS E IDEÁRIOS DE INTIMIDADE NOS DISCURSOS FEMININOS¹

DULCE MORGADO NEVES²

(Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa)

1. Introdução

Continuidade e mudança são categorias fundadoras do pensamento sociológico. Quer nos centremos no quadro das grandes dinâmicas sociais, quer nos detenhamos sobre singularidades do quotidiano ou da dimensão individual, os processos de reprodução e de transformação são essenciais à compreensão dos fenómenos ao longo do tempo.

Neste texto, partiremos dos discursos de três gerações de mulheres (avós, mães, filhas) sobre alguns aspectos da vida íntima e sexual e procuraremos estabelecer uma relação entre as suas narrativas e os tempos sociais em que se erguem as suas biografias.

Reconhecendo a clivagem geracional como eixo estruturante de fronteiras simbólicas no espaço social (Ferreira, V. S., 1998), mas também o protagonismo do actor na construção da sua história e da sua individualidade, o objectivo reside, então, na identificação das lógicas de continuidade e mudança que, numa perspectiva inter e intra-geracional, ora aproximam, ora vão distinguindo os discursos destas mulheres.

¹ Este artigo foi redigido com base em entrevistas realizadas no âmbito do projecto *Género e Gerações: continuidade e mudança nas narrativas familiares*, o qual decorre no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, sob a coordenação da Doutora Sofia Aboim.

² Doutoranda em Sociologia no ISCTE; Bolseira de Investigação no projecto *Género e Gerações: continuidade e mudança nas narrativas familiares* (ICS.UL).

2. A Construção Moderna da Intimidade e a Nova Ética Sexual

Bastará olhar para a evolução de alguns indicadores para perceber as importantes transformações sociais ocorridas na sociedade portuguesa nas últimas décadas (e.g. Almeida, J. F. *et al.*, 2007). A par de tais processos de recomposição social e demográfica, que tendem a aproximar o país dos padrões de outras sociedades ocidentais, significantes mudanças nos valores e representações sociais dos portugueses indiciam novas formas de viver a intimidade e marcam o passo da modernização do país.

No escopo das teorias da modernidade, vários autores (e.g. Shorter, 2001, Giddens, 1994, Beck e Beck-Gernsheim, 1995) têm vindo a chamar a atenção para uma nova ordem de *sentimentalização* e *desinstitucionalização* da vida privada. No sentido em que ela parece resultar da crescente valorização das escolhas individuais e do progressivo declínio da regulação exterior sobre os comportamentos e a vida íntima, esta tendência surge na literatura alicerçada à construção moderna da individualidade. Com efeito, segundo Aboim (2006, p.65), “*ganham relevo orientações normativas legitimadoras da igualdade de género, da qualidade das relações e do primado da afectividade, da democraticidade da vida familiar e da realização pessoal.*”

No que concerne às transformações específicas nas formas de experienciar e representar a sexualidade, Kimmel (2004) salienta os efeitos da ética moderna da realização pessoal sobre a valorização da expressão sexual ao longo da vida e sugere uma crescente aproximação entre as atitudes e comportamentos sexuais e afectivos de homens e mulheres. No mesmo sentido, outros indícios de mudança são desvendados pelos estudos de comparação intergeracional: de acordo com Pais (1998, p.463), enquanto nas gerações mais velhas prevalece uma moral sexual mais conservadora, institucionalizadora e defensora do puritanismo sexual, os jovens transportam uma nova ética, mais experimentalista e fragmentada, “*onde há lugar para ligações fugazes e românticas; experiências pré-matrimoniais e coabitacionais; iniciações sexuais precoces e relações heterogâmicas; sendo, finalmente, observável uma relativa tolerância a diversas formas de sexualidade socialmente ou ideologicamente consideradas mais ‘periféricas’*”.

Sabemos que é sempre difícil estimar o valor preditivo destas diferenças geracionais, porque, afinal, elas podem não ser mais do que um efeito do ciclo de vida que se diluirá com a chegada dos jovens à vida adulta (Ferreira, J.F. *et al.*, 2007). No entanto, tendo o país passado por importantes momentos históricos, como sejam a revolução de 25 de Abril ou a adesão à União Europeia, as gerações mais novas experienciaram

condições de vida muito diferentes das dos seus pais e avós e beneficiaram de um conjunto de aceleradas transformações com efeitos que só muito dificilmente se inverterão ou diluirão.

Somada a tais “evidências”, a consistência das significações reforça os sinais de mudança que nos levam a crer estarmos perante um efeito geracional com repercussões futuras também sobre as formas de viver e dar sentido à intimidade.

3. Mudanças e Assimetrias: protagonistas e seus contextos de pertença

Mas nem só de aceleradas transformações se escreve a história recente do país. Na verdade, o desenvolvimento que começou a ter lugar na segunda metade do século XX não se fez sentir com a mesma intensidade e ao mesmo ritmo por todo o território, originando um cenário de forte diferenciação interna.

Na tentativa de somar a dimensão regional à equação da relação entre os contextos sociais de pertença e as narrativas individuais, centraremos a nossa análise em discursos de mulheres pertencentes a linhagens familiares que não só detêm diferentes perfis sociais, como se erguem em regiões com padrões de modernização distintos.

Assim, a primeira linhagem feminina aqui em análise é relativa a três mulheres (avó, mãe, filha) residentes na região da Grande Lisboa, mais precisamente nos concelhos de Odivelas (avó) e Loures (mãe e filha). Por seu lado, as mulheres da segunda linhagem residem em freguesias dos concelhos de Mondim de Basto do distrito de Vila Real (avó e mãe) e de Celorico de Basto do distrito de Braga (filha).

A análise de dados censitários e de outras estatísticas demográficas relativas à última década coloca a região de Lisboa e as chamadas Terras de Basto em duas posições diferentes face também aos processos de modernização familiar. Assim, Lisboa é caracterizada pelo contínuo aumento da individualização nas estruturas familiares, pela informalidade no casamento e na constituição de famílias e por uma mais expressiva igualdade de género na vida privada. Por seu lado, os concelhos de Mondim e Celorico de Basto, inscritos, respectivamente, nas sub-regiões do Tâmega e do Ave, caracterizam-se pela centralidade do casamento e pela prevalência da estrutura de família nuclear (Aboim, 2006).

Para facilitar a comparação intergeracional, optaremos, na análise das narrativas, por atribuir às avós nomes próprios iniciados por A (Alice e Antónia), à segunda geração de mulheres nomes iniciados por B (Beatriz e Belmira) e, finalmente, às netas, nomes iniciados com a letra C (Carolina e Carina).

Alice nasceu no concelho do Fundão em 1941, juntou-se com o actual marido aos 18 anos (o casamento só viria a ter lugar mais tarde), não tem qualquer tipo de escolaridade e começou a trabalhar muito cedo, com seis anos, servindo em casas particulares na Beira Baixa. Aos 13 anos, Alice mudou-se para Lisboa, onde continuou a trabalhar como empregada doméstica e reencontrou a sua família, entretanto também fixada nesta cidade. A mãe desta linhagem, **Beatriz**, teve um percurso bastante diferente do da sua mãe. Nascida em 1964 no concelho de Odivelas, esta mulher é casada com um oficial do exército de quem tem dois filhos, de 16 e 18 anos. Tendo completado o ensino superior, actualmente Beatriz desempenha funções de directora de departamento numa empresa. Por fim, a geração mais nova é representada pela filha **Carolina**, de 18 anos (a mais nova das entrevistadas), que frequenta o primeiro ano de um curso superior na área das ciências naturais. De destacar é ainda o facto de nenhuma das mulheres desta linhagem praticar uma religião. A avó afirma-se uma católica não praticante; mãe e filha negam ter qualquer afiliação religiosa.

De uma maneira geral, a história desta primeira linhagem é marcada pela migração de Alice para a cidade na década de 50, a qual parece ter sido decisiva para a mobilidade social ascendente que as gerações subsequentes vieram a conhecer. Neste sentido, e beneficiando de maiores oportunidades escolares e profissionais, é já Beatriz quem melhor personifica a viragem ascendente que afasta a geração mais nova do contexto socialmente desfavorecido que funda, afinal, esta linhagem.

A linhagem da região a Norte afigura-se com um perfil socioeconómico algo distinto: a avó **Antónia**, residente em Mondim de Basto, nasceu em 1945 no concelho de Celorico de Basto. Tendo frequentado a escola até à terceira classe, a entrada no mercado de trabalho aos 13 ou 14 anos, apesar de também precoce, dá-se bem mais tarde que a da avó da linhagem anterior. Com esta idade, Antónia começou a costurar e a trabalhar na lavoura. **Belmira**, que representa a segunda geração desta linhagem, terá tido um percurso algo semelhante ao da sua mãe. Nascida em 1965, esta mulher, que desde criança ajudou a cuidar dos seus irmãos mais novos, completou o 4º ano de escolaridade aos 12 anos, tendo logo a seguir começado a trabalhar na lavoura e na prestação de serviços domésticos. Finalmente, a filha desta linhagem, **Carina**, tem actualmente 25 anos, é casada com um encarregado da construção civil e tem dois filhos. Quando casou, Carina foi viver para Coimbra de onde é natural o seu cônjuge. Desde há dois anos, vive com os filhos em Celorico de Basto e o seu marido trabalha em Espanha. Esta mulher distancia-se claramente do percurso das gerações que lhe antecedem, tendo chegado a frequentar dois anos de uma licenciatura. Com o 12º ano completo, a sua experiência

profissional tem incidindo em tarefas de executante administrativa. Tal como a sua mãe e avó, Carina afirma-se católica praticante.

Neste caso, e de uma maneira geral, não se apresentam grandes dissimelhanças entre as trajectórias objectivas de Antónia e Belmira. Como vimos, de uma geração para a outra, esta linhagem quase não sofreu mudanças ao nível dos capitais escolares (a mãe Belmira só frequentou mais um ano escolar que Antónia) e regista-se igualmente uma reedição do perfil socioprofissional. Assim, é só na última geração, com Carina, que a linhagem sofre uma maior diversificação, no sentido em que, pela primeira vez, se experimentam processos de alguma mobilidade geográfica e um aumento de capitais escolares e profissionais. Este perfil de mobilidade, ainda que seja reflexo de processos mais amplos de recomposição sociopolítica da sociedade portuguesa, não deixa de ser significativo do ponto de vista da proximidade e da distância que se estabelece entre as representantes da linhagem.

4. Trajectórias e Ideários: Análise de Discursos Femininos

Ainda que os discursos sobre intimidade e sexualidade sejam muitas vezes segregados do resto da vida social (McElhinny, B., 2002), estes domínios vão sendo cada vez mais convocados pelas análises sociológicas, que progressivamente reconhecem a utilidade da sua revelação para o entendimento de outros processos sociais.

De facto, a análise da mudança social não raras vezes dá conta das intensas transformações ocorridas em matéria da relação entre homens e mulheres e da sua expressão nas esferas da sexualidade e da vida íntima. Neste sentido, pode-se afirmar que, tal como refere José Machado Pais (1998, p.408), “(...) *a compreensão sociológica da sexualidade (ou das sexualidades) ajudar-nos-á, certamente, a melhor compreender a sociedade em que vivemos, uma vez que os discursos sobre a sexualidade são, inerentemente, discursos sobre algo mais do que o sexo: género, poder, simbolismo, identidade, etc.*”

4.1 *Experiências de Iniciação e Vivências da Intimidade*

É frequente pensarmos que na maioria sociedades a sexualidade desempenha um papel importante na legitimação da ordem estabelecida e que as significações mobilizadas para evocar as relações sexuais servem igualmente para mostrar o lugar social que cada um dos géneros ocupa.

Todavia, importa não esquecer que, enquanto “*unidade ficcional dependente de um contexto cultural instituído historicamente*” (Heilborn, 1999, p.41), o comportamento sexual comporta uma importante margem de relatividade, a qual pode, do ponto de vista da análise, ser ademais amplificada se pensarmos na singularidade de cada experiência ou na inovação intrínseca à agência humana.

No que concerne a matrizes comportamentais, centraremos a atenção sobre os discursos destas mulheres acerca da iniciação sexual e do contexto em que actualmente decorre a convivência íntima com os seus parceiros. A escolha destes dois aspectos prende-se com o facto de eles poderem privilegiar uma abordagem sincrónica e diacrónica das trajectórias afectivas destas mulheres, no sentido em que, jogando com acontecimentos passados e com uma vivência presente e inerentemente transformacional, eles poderão potenciar uma representação do sujeito preso a várias temporalidades e do seu percurso enquanto portador de sentido.

a) A Primeira Relação Sexual

Entre as várias mudanças que têm ocorrido nas últimas décadas no domínio da sexualidade, podemos salientar a diminuição da idade à primeira relação sexual, a qual, por hipótese, é expressão de um movimento mais amplo de aproximação entre as trajectórias sexuais de homens e mulheres. Segundo vários autores (Rubin *cit in* Giddens, 2002, Kimmel, 2004), esta aproximação tem sido sobretudo conseguida à custa de mudanças ocorridas no meio campo feminino, onde as práticas e as representações face à sexualidade se vão progressivamente assemelhando às do universo masculino, mais constantes à passagem dos tempos. Concordemos ou não com a perspectiva de uma masculinização da sexualidade feminina, a verdade é que as narrativas sobre o *momento inaugural de entrada na sexualidade adulta* (Le Gall *et al.* 2007), para além de susceptíveis à mobilização diferenciada de quadros normativos, sistemas de representações e cenários de investimento sentimental, inscrevem-se na história de sujeitos socialmente situados e parecem ter um especial significado nas abordagens intergeracionais.

Numa primeira constatação, para começar, as declarações das entrevistadas revelam-nos que, nas gerações mais velhas de Mondim de Basto (Avó e Mãe), a idade da primeira relação sexual coincide com a celebração do casamento.

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

“Na noite do casamento (...) ele disse: ‘Então porque não te vens deitar? Não te faço mal, mas sabes como é ... eu se me casei, foi para ter relações contigo’... E eu respondi: ‘Não, que eu não quero!’ E ele disse: ‘Não é assim, tu não queres... [mas] tem de ser.’”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Sabe com quem cheguei a conversar? Com o meu marido. Antes de casar, eu disse-lhe assim ‘eu não sei como é que vai ser porque eu não percebo nada disso’, e ele disse-me ‘não faz mal, depois eu explico-te’. (...) Primeiro teve uma conversa comigo, ‘olha que é assim, assim, assim. Tu não tenhas medo. Porque vai correr tudo bem. Tens que te pôr apta, porque tu sabes como é, eu não te faço mal’

No caso desta linhagem, o quadro de significações associado à primeira experiência parece não ter sofrido mudanças da primeira para a segunda geração. Antónia produz um discurso marcado pelo desconhecimento e pela vergonha que é reproduzido por Belmira. Tanto num caso como no outro, os parceiros homens gozam de maior experiência e a relação não deixa de ser vista como um *“um bem feminino que se concede ao homem”* (Heilborn, 1999, p.54).

De facto, no campo da sexualidade é particularmente difundida e aceite a representação do automatismo fiscalista masculino, por oposição à *“domesticação”* feminina. Como afirma Bozon (2001), dependentes de um desejo masculino dominante, as mulheres continuam a ser vistas como *objectos a serem possuídos*, enquanto os homens são *sujeitos desejantes independentes*.

Prosseguindo na mesma linhagem, Carina teve a sua primeira relação sexual aos 18 anos com aquele que viria a ser o seu marido. Este episódio não deixa de se associar contextos de expectativa e receio onde o elemento masculino, mais experiente, assume uma função de complacência e comando. Todavia, ao ocorrer dois anos antes do casamento, esta experiência acaba por escapar ao padrão da iniciação sexual feminina da família.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“Correu bem, só que eu ficava sempre com medo, naquela expectativa, mas depois ele ajudou-me também, começou a falar, a dizer que não custava nada e correu bem.”

No que concerne à linhagem de Lisboa, Alice revela um percurso algo afastado dos relatos de experiências associados à sua geração. Para começar, e eventualmente devido ao facto desta não ter sido a primeira relação conjugal do seu parceiro, Alice só se casou aos 32 anos, já depois do nascimento das suas duas filhas. Para além disso, e no que toca a iniciação sexual, a sua primeira experiência terá ocorrido aos 17 anos, antes de viver em coabitação com o parceiro.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“ [A primeira relação] foi com o meu marido, tinha 17 anos. (...) Correu normalmente, acho eu (risos). Tinha era receio de ficar grávida, de a minha mãe saber.”

Também Beatriz afirma ter tido a sua primeira experiência sexual com o seu actual marido, aos 15 anos, muitos anos antes de se casar com ele. Não obstante a progressiva aproximação entre os comportamentos sexuais femininos e masculinos, diversos estudos (Bozon, 1993, Bozon e Heilborn, 1996, Pais, 1998) têm vindo a realçar a persistência da desigualdade, mostrando que a rapazes e raparigas correspondem diferentes expectativas, motivações e significações, designadamente, acerca da primeira experiência sexual. Dizem os autores que enquanto os discursos masculinos incidem sobre os aspectos mais experimentalistas da sexualidade, as mulheres declaram orientar as suas práticas com base nos vínculos afectivos ou no sentimento amoroso associado às relações. Neste sentido, Beatriz parece corroborar este retrato feminino.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Experiência sexual, essa, foi só com [o meu marido]. Porque eu comecei a ter relações sexuais com ele com 15 anos logo, de tal forma eu gostava dele. (...) Não [me senti pressionada], era um desejo. [S6] tinha receio de como é que iria ser e sobretudo de engravidar.”

Ainda assim, apesar do *desejo* que parece apadrinhar o contexto descrito, verifica-se que as expectativas em trono da primeira experiência não deixam de revelar algumas preocupações ou inseguranças. Tal como a sua mãe, também Beatriz refere o medo de engravidar, que é indicativo do risco que se associava aos contactos sexuais desprotegidos, quando as

relações, ocorridas fora do matrimónio, dificilmente legitimariam o acesso e o uso de contraceção.

Finalmente, Carolina é a única deste grupo de mulheres que declara que a sua primeira experiência sexual, aos 16 anos, ocorreu fora do âmbito da sua relação actual.

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“Fui eu que quis, (...) até porque o meu ex-namorado achava que não era a altura certa. (...) As pessoas sentem necessidade então pronto, tive relações. Acho normal. (...) Chocava-me mesmo pensarem ‘não tenho idade’. Nunca pensei assim, pensava ‘sinto-me preparada por isso faço!’ (...) Não tive dúvidas porque a minha mãe ajudou”

As suas palavras reflectem um contexto muito diferente dos referidos pelas mulheres anteriores e permitem questionar as posturas mais estáticas de diferenciação entre formas femininas e masculinas de experienciar a sexualidade e, particularmente, a primeira relação. Neste caso, e revelando um carácter mais experimentalista e hedonista, terá sido sobretudo ela a demonstrar a *urgência física* de entrada na *sexualidade adulta*. Esta constatação parece reflectir uma clivagem geracional importante. Desta vez, o contexto da primeira relação apresenta-se livre dos receios ou das dúvidas que caracterizavam os testemunhos anteriores, surgindo pela primeira vez o papel da *mãe* como provedora de aconselhamento e não como fonte de repressão em matéria da sexualidade.

Como afirma Pais (1998), enquanto as gerações mais velhas tendem a confinar as relações sexuais ao matrimónio, as mais novas associam-nas mais a fases de envolvimento amoroso. Reportando-nos aos exemplos em análise, podemos verificar que esta tendência geracional se reflecte no caso da linhagem familiar de Mondim e Celorico de Basto, na qual só com Carina as relações sexuais se desassocia da consumação do matrimónio. No entanto, este padrão não parece espelhado na trajetória familiar de Lisboa, onde a dissociação entre o casamento e a primeira relação remonta já à primeira geração.

b) Intimidade Conjugal e Vida Sexual

Produto de uma série de transformações da modernidade, a sobrevalorização da intimidade e da afectividade tem vindo a ganhar expressão no quadro das relações sociais de género, na família e na conjugalidade (Torres, 2004, Aboim, 2006). Questionadas acerca do grau

de intimidade que mantêm com os seus parceiros, todas estas mulheres declaram sentir-se próximas e íntimas deles, sendo que, nos casos de relações conjugais mais longas, algumas entrevistadas reconhecem oscilações nos níveis de intimidade ao longo do tempo, mostrando que a vida a dois não se estrutura de uma vez por todas e que a diferentes fases das relações podem corresponder diferentes estados de intimidade.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Ele hoje não é só o meu marido, é também o meu companheiro, amigo e parceiro, uma pessoa com quem eu quero estar e gosto de estar. (...) Hoje as coisas estão bem e ainda bem que ficaram assim. Durante (...) [uns] anos, que foram um bocado turbulentos, não havia tanta intimidade e quase não nos podíamos ver um ao outro. Mas neste momento (...) somos íntimos, e agora mais ainda.”

No que se refere mais concretamente à intimidade sexual, exceptuando uma das entrevistadas (a Avó da linhagem de Lisboa), todas as outras declaram ser sexualmente activas. No âmbito das suas relações amorosas ou conjugais, a sexualidade preenche uma dimensão de variável importância que parece sujeita, também ela, a flutuações ao longo das relações.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“[A vida sexual] foi muito importante, porque a gente era nova. Também nunca fui assim muito, como é que eu hei-de explicar, nunca tive assim grande, pronto, nunca cheguei ao pé do meu marido e disse ‘olha vamos fazer amor’. Mas se ele chegasse ao pé de mim, se ele puxasse por mim... Agora já não, já não tenho vida sexual. O meu marido já tem uma certa idade e eu nunca fui muito dessas coisas e desde que fui operada à barriga, pior.”

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

“Estou [satisfeita com a minha vida sexual], graças a Deus. (...) A minha vida sexual foi sempre com o meu marido, não foi com mais ninguém, graças a Deus (...). Pronto o meu marido realmente está velho, está, de facto... Mas (...) é como o outro, o sexo é preciso, senão não ficava no mundo...”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Eu fui operada ao útero. E pronto, agora a sexualidade para mim já não tem nada a ver. (...) Agora é má. É má porque não tenho aquele prazer como tinha antigamente. (...) [Para o meu marido] continua tudo igual. Eu compreendo-o a ele e ele respeita. Mas tem que ser porque pronto, (...) tenho que satisfazer o meu marido. (...) Ele bem sabe que não me está a satisfazer a mim, não é? Ele bem sabe”

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“[Na nossa relação, a vida sexual] é muito, muito [importante]. (...) Eu acho que nós com os anos vamos aprendendo muito e sentimos o sexo de forma diferente. Enquanto somos mais novos, para aí aos 20 e tais, é sexo por sexo, quantidade, paixão. Mas actualmente, para mim, é intimidade, um prazer imenso e portanto é muito mais sentido. Acho que sinto muito mais prazer no sexo actualmente do que sentia há 20 e tal anos, e sei muito melhor como é que hei-de atingir um orgasmo do que sabia há uns anos atrás.”

Nas duas primeiras gerações de entrevistadas, as mulheres admitem posturas muito diversas, das quais muito dificilmente se consegue extrair regularidades geracionais ou familiares. Na geração das avós, verifica-se, no caso de Antónia, uma situação em que, não obstante reconhecerem-se os efeitos do envelhecimento sobre a vivência da sexualidade, esta continua a desempenhar um papel importante na relação conjugal (embora não seja líquido até que ponto essa importância se concretiza do ponto de vista físico); e o exemplo de Alice que declara já não ter vida sexual e que parece ter sempre remetido a sexualidade para a iniciativa masculina.

Por seu lado, na geração das mães, as diferenças entre Belmira e Beatriz sugerem vivências ainda mais distantes. Enquanto Beatriz considera que a vida sexual desempenha actualmente um papel fundamental na vida do casal e constituiu uma inegável fonte de prazer, o caso de Belmira personifica a experiência do declínio da importância das relações sexuais ao longo do tempo, sendo que a prática sexual chega a ser entendida enquanto sacrifício necessário que se faz em nome do cônjuge, pela harmonia da relação. Uma vez mais, o retrato do *bem feminino* que se concede ao *sujeito desejante* afigura-se possível.³

³ Não será contudo inócua a coincidência que os discursos que mais subvalorizam a sexualidade enquanto dimensão de satisfação pessoal sejam das duas mulheres (de diferentes famílias e gerações) que afirmam ter passado por intervenções cirúrgicas de histerectomia.

Distante deste cenário, a geração mais nova de mulheres desenvolve uma perspectiva, já encetada pela mãe Beatriz, na qual as mulheres se revêem como sujeitos activos e inovadores da trama sexual e onde a sexualidade, ainda que vivida no contexto de uma relação duradoura e exclusiva, não exonera o seu carácter *erótico-hedonista*.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“O que eu gostava de praticar era o swing, era uma coisa que eu gostava (...). Ainda não lhe disse nada porque eu já sei que era uma ideia maluca - eu tenho umas ideias muito malucas nesse aspecto, mas pronto. (...) A gente fala sobre tudo porque é que não havemos de falar sobre isso?!”

4.2 Valores e Permissividades Sexuais

Como vimos, segundo Pais (1998), as gerações mais novas produzem uma nova ética sexual, bastante mais desinibida ou tolerante que aquelas que caracterizam as gerações que lhes precedem. Para atestar eventuais continuidades e mudanças a este respeito importa não só fixar a atenção nos discursos sobre as práticas destas mulheres mas também procurar captar as significações mais abstractas para além da experiência pessoal de cada uma. Para o efeito, estas mulheres foram igualmente questionadas acerca de valorações e *permissividades sexuais* (Pais, 1998), como sejam os aspectos morais da virgindade, das relações ocasionais, da fidelidade e da diversidade sexual.

a) Significados da Virgindade

Como vimos anteriormente, os discursos sobre as primeiras experiências já indiciavam representações face à virgindade de homens e mulheres, ainda que em matéria de sexualidade seja arriscado estabelecer relações entre as ideologias que se produzem discursivamente e as reais práticas dos sujeitos. Questionadas acerca da valorização da virgindade, todas estas mulheres reconhecem a significação diferencial que a sociedade atribui ao facto de se ser homem ou mulher, mas só a avó de Mondim de Basto, Antónia, reproduz o discurso mais tradicional de idealização positiva da virgindade feminina.

Avó Antónia, 62 anos, Mondim de Basto

“Eu acho que uma mulher é que deve ser virgem... O homem também devia ser, mas (...) se não for já é [mais aceitável]. (...) A mulher, depois de perder a virgindade, nunca mais é mulher como era! Um homem fica sempre na mesma...”

Uma postura diametralmente oposta pode ser encontrada nas declarações das outras entrevistadas, onde a virgindade mantida até ao casamento é desvalorizada e até entendida negativamente.

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Para mim [a virgindade] não [é importante], porque isso antigamente [é] que era muito importante. Mas agora não! (...) Eu na altura achava porque ia atrás do que os meus pais diziam! (...) Agora já não. Agora acho que isso que é uma coisa estúpida até, porque (...) quando fui não sabia nada! Eu acho que até é bom eles saberem antes. (...) [Terem] alguma experiência!”

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“A virgindade não é importante porque qualquer pessoa tem direito a sentir prazer e a ter a sua própria sexualidade, acho que uma pessoa que tem namorado não tem que estar virgem, até porque ele vai procurar outras pessoas, se não tem em casa, como se costumava dizer (risos). Eu acho que isso é que provoca a infidelidade nas pessoas.”

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“Na altura não sei bem o que é que eu pensava [da virgindade]. Hoje penso que naquela altura as pessoas não faziam pelo falatório. Mas hoje acho que é uma coisa normal como outra qualquer. Não há problema se uma mulher não for virgem, isso é uma coisa tão natural da vida”.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Antigamente era muito importante para um homem encontrar uma mulher virgem. (...) Atualmente, para mim, já é diferente. Eu não quero nada que a minha filha case virgem. Quero é que ela tenha muitas experiências sexuais, primeiro porque eu não tive, e quero é que ela seja feliz e tenha prazer porque a sexualidade faz parte das nossas vida (...). Isso de casar virgem, para mim, não faz sentido nenhum.”

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“Não acho que seja importante, não acho que uma pessoa é melhor ou pior por ser virgem.”

Segundo Kimmel (2004, p.249), o decréscimo da importância da virgindade feminina até ao casamento é muito significativa do ponto de vista das abordagens geracionais. Enquanto para as gerações mais velhas a virgindade continua a ser entendida como uma prezada qualidade feminina com valor no mercado matrimonial, para as mais novas ela chega a ser vista como um “fardo” ou “*a problem to be solved*”. Aqui, percebemos claramente que a geração não é móbil único na determinação do valor da virgindade, mas também que não lhe é indiferente, especialmente se, num esforço diacrónico, atendermos não só ao valor que a virgindade detém actualmente mas àquele que deteve noutras fases do percurso destas mulheres.

b) Relações ocasionais e parceiros múltiplos

Sobre as relações ocasionais, despojadas do “nobre vínculo amoroso” ou múltiplas, as entrevistadas tendem a produzir discursos valorativos negativos. Com efeito, são sobretudo as mulheres das duas primeiras gerações de Mondim de Basto que mais vigorosamente condenam essa prática reproduzindo a ideia de que só o sentimento amoroso deve justificar o envolvimento físico ou sexual entre duas pessoas. No entanto, curiosa é também a diferenciação de género implícita nalgumas passagens, porque se as relações sem compromisso podem ser toleradas nos homens, nas mulheres elas são injustificáveis e extremamente denegridoras da sua imagem.

Avó Antónia, Avó, 62 anos Mondim de Basto

“Sem existir amor... eu acho que isso é muito complicado (...). Acho mal. (...) Porque sim! Então não tem amor e vai fazer isso? ... Acho que é mau... Porque é uma rapariga que nunca mais... Ele fica bem na vida na mesma... mas a rapariga, já não, você bem sabe! Portanto ele deve ter um bocado em consideração... Agora, sem amor?!”

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Eu não acho nada bem [ter sexo sem amor]. (...) Não acho porque é feio. Porque acho que as pessoas têm que ter os sentimentos delas. (...) [Das relações de uma noite só] também acho mal... só se for um rapaz solteiro. Um rapaz solteiro está bem.”

Ainda que reconhecendo a crescente *normalização* das relações sexuais sem compromisso, Alice não deixa de sentenciar esses comportamentos, sobretudo quando os protagonistas não têm qualquer tipo de afinidade. De facto, a grande diferença em relação aos discursos anteriores é que, por um lado, desta vez não se recorre a medidas diferenciadas para julgar os comportamentos dos homens e das mulheres e, por outro, desde que haja algum tipo de vínculo afectivo entre as pessoas (que não tem de ser necessariamente amor) tais práticas podem até, aos seus olhos, ser “desculpáveis”.

Avó Alice, 66 anos, Odivelas

“Hoje em dia há muito disso [relações sexuais ocasionais sem compromisso], mas eu acho muito mal, devia existir pelo menos uma amizade. Pelo menos um sentimento.”

Uma postura significativamente diferente é-nos revelada por Carina, a qual se distancia das mulheres da sua linhagem familiar e salienta o carácter experimental e aventureiro que as relações ocasionais podem comportar.

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“Quer dizer, para uma aventura acho que deve ser interessante, não sei, nunca tive, mas deve ser interessante para uma aventura, há pessoas que (...), para elas, é um divertimento, é uma forma de... uma ocupação qualquer, há pessoas que sim, não sou contra isso, acho que sim.”

c) Fidelidade Conjugal

A fidelidade sexual é uma área da conduta onde as opiniões mais tendem a convergir a seu favor. Para autores como Jackson e Scott (2004), neste campo é particularmente evidente a distância entre as práticas dos sujeitos e a suas declarações e atitudes: ainda que a maioria das pessoas tenda a não concordar com a infidelidade sexual, este fenómeno parece de tal forma disseminado que é possível que alguns dos que condenam, por princípio, este comportamento já o tenham praticado nalgum momento das suas vidas (Jackson e Scott, 2004).

Comprovando os resultados das pesquisas extensivas (e.g. Pais, 1998), estas mulheres tendem a expressar-se ideologicamente a favor da

fidelidade conjugal, embora o grau de permissividade a este respeito continue a revelar diferenças de uns discursos para outros. Por outro lado, enquanto umas entrevistadas mantêm a neutralidade da infidelidade face ao género, outras remetem-na declaradamente para o universo masculino. A este respeito, apenas Carolina, a mais jovem destas mulheres, se insurge declaradamente contra as diferenças no juízo social dos comportamentos femininos e masculinos.

Mãe Belmira, 42 anos, Mondim de Basto

“Acho muito estúpido ser-se infiel. (...) Deus me livre! Já viu desgraçar assim um lar?! Isso é que eu acho uma estupidez. (...) Então, se a gente tem os nossos maridos e eles vão para a beira de outras mulheres... eu para mim não gostava. Eu não gostava disso. Isso sou contra.”

Filha Carina, 25 anos, Celorico de Basto

“Acho que o homem é mais infiel, mesmo assim, hoje em dia, apesar que há muitas mulheres também infiéis, mas acho que o homem é mais infiel.”

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“Acho que a sociedade culpa mais as mulheres, (...) mas se um homem pode estar tentado a trair uma mulher porque é que uma mulher não pode estar tentada a trair um homem? São tudo pessoas. Eu não acho correcto que se faça mas não se deve culpar mais um que o outro.”

Sabemos que, contrariamente a outras dimensões valorativas da sexualidade, na questão da fidelidade matrimonial ou conjugal não são os jovens que adoptam as atitudes mais permissivas. Neste caso, é em Beatriz, mãe da linhagem familiar da Grande Lisboa, que encontramos um discurso mais tolerante face a esta prática.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Eu acho que a infidelidade, para mim, eu aceito desde que seja naquele sentido de ter sexo sem amor, sexo por sexo. (...) A infidelidade de one night stand (...), desde que não afecte o parceiro, não afecte a relação, não tenho nada contra.”

d) Homossexualidade

O envolvimento sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui outro tópico assíduo dos estudos acerca das atitudes e morais sexuais. Com efeito, alguns inquéritos têm revelado que as mulheres mostram uma maior tolerância que os homens face a relações entre o mesmo sexo. Na procura de justificações para esta regularidade das pesquisas extensivas, Pais (1998, p.446) avança com algumas hipóteses: *“talvez que num plano de ‘homogeneidade’ as mulheres (...) sejam mais levadas a pensar (ou a sentir?) que as amantes não são enigmas para si; talvez que não representem tão abstractamente um ‘outro’ diferente e desigual que geralmente está presente nas relações entre um homem e uma mulher; talvez pela reciprocidade que entre elas possa existir e que faz com que as noções de dádiva e recompensa não estejam tão presentes; talvez ainda porque a homossexualidade masculina seja mais ameaçadora da masculinidade hegemónica.”*

Entre as nossas entrevistadas, os discursos produzidos neste contexto foram significativamente diversos. Para a geração das avós, a homossexualidade – sobretudo a feminina, no caso de Alice – faz parte de um conjunto de transformações na ética sexual contemporânea. Em lugar de se comprometerem com uma valorização positiva ou negativa, estas mulheres reagem com a estranheza de se estar perante um fenómeno enigmático, para o qual, e aos seus olhos, a sociedade parece abrir-se.

Mais heterogénea é a postura na segunda geração, como aliás se vem tornando regra. Enquanto Belmira rejeita convictamente a prática e a considera um artefacto ou uma invenção dos dias de hoje, Beatriz produz um discurso flutuante entre os valores emergentes da tendência igualitária e tolerante e a reprodução dos sistemas da heteronormatividade. Reforçando as semelhanças entre as duas gerações nesta família, a desconfiança gerada pela desocultação do comportamento homossexual é também reforçada nas palavras da filha Carolina.

Mãe Beatriz, 43 anos, Loures

“Homossexualidade eu aceito e apoio até porque conheço várias pessoas homossexuais e acho que as pessoas têm o direito de estar com quem querem e se se apaixonam eu acho que sim. O que eu não gosto na homossexualidade é o exibicionismo. (...) Nalguns casais homossexuais... acho que há uma tendência para se exibirem... porquê? Se querem ser normais como os outros então ajam como normais. Não é? Não é preciso andarem aos beijos e aos abraços na rua. De mão dada acho que sim porque nós, os casais hetero, também andamos.”

Filha Carolina, 18 anos, Loures

“É aquela coisa, a mulher foi criada para amar o homem... faz-me confusão, duas mulheres ou dois homens aos beijos faz-me confusão. Eu não me importo desde que as pessoas vivam a sua intimidade na intimidade. Fazia-me impressão se tivesse uma amiga minha que fosse homossexual e vê-la a beijar a namorada. Eu sou aberta, sou jovem, compreendo as coisas, mas faz-me confusão ver.”

A tentativa nítida de adoptar um discurso “politicamente correcto” que, no fundo, contrasta com um preconceito mais espontâneo (e que se é incapaz de omitir) pode levar-nos a desvalorizar tais sinais de maior tolerância ou abertura face à diversidade sexual. No entanto, podemos pensar que, apesar de construídos ou pouco espontâneos, os discursos pela igualdade podem ter um peso efectivo (e não meramente oratório) na construção dessa mesma igualdade. Estudos (*in* Deutsh, F., 2007) revelam que as tentativas intencionais de não se ser preconceituoso são de facto uma das formas de inibir o recurso a estereótipos e não será somente pela falta de impulsividade que a adesão aos valores mais igualitários perderá a sua total eficácia.

5. Notas finais

Se é verdade que a ligação intergeracional nas famílias pressupõe a interação e a coexistência de diferentes códigos de leitura dos fenómenos, também não é menos certo que a análise das trajectórias e das morais sexuais transporta-nos para uma esfera da vida onde a relação entre a continuidade e a mudança, nem sempre linear ou padronizada, parece resultar de múltiplas condições pessoais e contextuais. Com efeito, e reforçando a ideia de que o tempo social é experimentado de formas muito diversas, percebemos que não é fácil traçar fronteiras categóricas que vão distinguindo contínua e indubitavelmente as gerações das avós, das mães e das filhas.

Ainda assim, e como vimos, é possível perceber lógicas de descon-tinuidade e reprodução associadas aos contextos de pertença social, geracional e familiar. Nomeadamente, no que diz respeito à dimensão da **iniciação sexual**, verificámos claras diferenças entre a linhagem das Terras de Basto e a da Grande Lisboa. Enquanto todos os discursos femininos da primeira linhagem tendem a retratar contextos de *passividade feminina* e de *controlo masculino* (dando lugar a trajectórias

que assinalam um quadro de relações de género onde ao homem é atribuída a condução dos acontecimentos), nos da segunda linhagem, a primeira relação sexual potencia a expressão de disposições mais plurais: aparentemente, ela conhece uma certa *naturalização* com a avó, associa-se a um contexto de *reciprocidade e desmedido desejo* com a mãe, e torna-se palco do *protagonismo feminino* com a filha.

Já no que concerne aos aspectos da **vivência íntima actual**, as regularidades geracionais ou familiares não poderão ser facilmente extraíveis, dada a singularidade que caracteriza cada testemunho e que resulta de condições muito particulares da vida de cada sujeito. No entanto, afigura-se possível concluir que se para as duas primeiras gerações a associação entre a vivência sexual e a realização pessoal não se impõe de uma forma clara (dado que, entre este grupo, ela só se confirma com solidez no discurso da mãe de Lisboa), na geração de mulheres mais novas (nas filhas) ela estrutura-se de forma muito evidente, sugerindo um retorno analítico ao papel da intimidade na construção moderna da individualidade.

Finalmente, do ponto de vista das **significações e das permissividades**, podemos claramente atestar que as posturas mais conservadoras são assumidas pelas duas primeiras gerações das Terras de Basto, sempre apreensivas face às mudanças, enquanto as atitudes mais tolerantes, desinibidas e igualitárias surgem sistematicamente nos discursos da mãe de Lisboa e das gerações mais novas de ambos os contextos geográficos. Com efeito, esta configuração valorativa é reveladora não só do significado geracional mas também da importância de outros recursos e capitais na construção da ética sexual moderna.

Chegados a este ponto, numa perspectiva intergeracional, podemos afirmar que na linhagem da Grande Lisboa os fenómenos de descontinuidade parecem dar-se sobretudo entre a avó e a mãe, reflectindo, de resto, a diferença que separa as trajectórias objectivas destas mulheres. Já entre a mãe Beatriz e a filha Carolina, os discursos apontam para uma certa reedição dos padrões valorativos. Por seu lado, na linhagem familiar das Terras de Basto, o esquema de mudanças e reproduções entre as gerações perfila-se diferente, sendo a continuidade mais acentuada nas duas primeiras gerações de mulheres e a descontinuidade mais evidente da segunda para a terceira geração. Com efeito, numa perspectiva intrageracional, podemos concluir que é na segunda geração – a das mães nascidas na década de 1960 – que as matrizes comportamentais e sobretudo valorativas são mais contraditórias. Neste sentido percebemos que o tempo é uma dimensão privilegiada no entendimento dos processos de mudança e continuidade entre as gerações, mas que, sendo apropriado e vivido de forma diferente de indivíduo para indivíduo, ele opera também

a um nível pessoal e é expressão da singularidade de cada um. Nestes casos, é a experiência tão diversificada do tempo social que imprime o contraste entre as posturas destas mulheres: enquanto na linhagem de Lisboa, Beatriz personifica uma mudança social ascendente com aparentes efeitos sobre as formas de viver e representar a sexualidade, a trajectória de Belmira reproduz os traços da geração antecedente e vai prolongar sistemas comportamentais e valorativos mais tradicionais, os quais só na geração seguinte se alteram.

BIBLIOGRAFIA

- ABOIM, S., *Conjugalidades em Mudança*. Lisboa, ICS, 2006.
- ALMEIDA, J. F *et al.* A sociedade. In Reis, A. coord. *Retratos de Portugal: factos e acontecimentos*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2007.
- ALWIN, D.F., MCCAMMON, R., J. Generations, Cohorts, and Social Change. In Mortimer, J.T., Shanahan, M. J. eds. *Handbook of the Life Course*. New York, Springer, 2004.
- BECK, U., BECK-GERNSHEIM, E., *The Normal Chaos of Love*. Cambridge, Polity Press, 1995.
- BOZON, M., L'Entrée dans la sexualité adulte: le premier rapport et des suites, du calendrier aux attitudes. In *Population*, nº 5, pp.1317-1352, 1993.
- BOZON, M., HEILBORN, M. L., Les caresses et les mots. Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et à Paris. In *Terrain*, nº 27, pp.37-58. 1996.
- BOZON, M., Sexualité et Conjugalité. In Bloss, T. (org.), *La dialectique des rapports hommes – femmes*, Paris, PUF, 2001.
- DEUTSCH, F., Undoing Gender. In *Gender & Society*, Vol.21, nº 1, pp. 106-127, 2007.
- FERREIRA, V. S, Atitudes perante a sociedade. In Pais, J.M. coord. *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, ICS, 1998.
- GIDDENS, A., *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras, Celta Editora, 1994.
- GIDDENS, A., *Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras, Celta Editora, 2002.
- GOODE, W., The Theoretical importance of Love. In *American Sociological Review*, vol.24, nº 1, pp. 38-47, 1959.
- HALL, E. T., *The dance of life: the other dimension of time*. New York, Anchor Press Doubleday, 1984.
- HEILBORN, M. L., Construção de si, género e sexualidade. In Heilborn, M.L. coord. *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1999.

- JACKSON, S., SCOTT, S., Sexual Antinomies in Late Modernity. In *Sexualities*, 7 (2), pp.233-248. 2004.
- KIMMEL, M., *The Gendered Society*. Oxford, Oxford University Press, 2004.
- LE GALL, D., LE VAN, C., *La première fois. Le passage à la sexualité adulte.*, Paris, Payot., 2007.
- MCELHINNY, B., Language, Sexuality and Political Economy. In Campbell-Kibler *et al.* eds. *Language and Sexuality: Contesting meaning in theory and practice*. Stanford, CSLI Publications, 2002.
- MARQUES, A. C., *A primeira relação sexual: contextos e significados*. Lisboa, CIES-ISCTE, (e-working paper, 32), 2007.
- PAIS, J. M. Vida amorosa e sexual. In Pais J. M. coord. *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, ICS, 1998.
- SHORTER, E., *A Formação da Família Moderna*. Lisboa, Terramar, 2001.
- TORRES, A., Amor e Ciências Sociais. In *Travessias, Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, nº4/5, pp. 15-45, 2004.